



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RGS
FACULDADE DE LETRAS

**ANÁLISE DO POEMA “AUTOPSILOGRAFIA”
DE FERNANDO PESSOA**

Sob enfoque da teoria de Roman Jakobson

Disciplina: - Teorias Contemporâneas da Literatura
CODICRED 12.269-04

Professora: SISSA JACOBY

Aluno: KLEBER DE OLIVEIRA BOELTER
1º semestre de 2007

1-Objetivo

O presente trabalho tem por objetivo analisar um poema tomando por base os conceitos de Teoria da Literatura propostos por Roman Jakobson, em especial os aspectos de paralelismo dos vários estratos do texto poético.

Conforme definição da orientadora, primeiramente faremos uma análise sobre as possibilidades semânticas suscitadas pelo texto e, a seguir, destacaremos os aspectos de paralelismo mais importantes.

2-Poema escolhido

Autopsicografia

Fernando Pessoa

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

3-Análise semântica

3.1-Investigação dos elementos semânticos principais e suas possibilidades temáticas

Figuras / elementos	Temas
Autopsicografia	O eu poético como modelo, como objeto de estudo de uma teoria (no caso, uma teoria mesmo da poesia)
Dor	
Dor sentida	A dor real (a dor perfeita de Platão)
Dor fingida	A imitação, a representação poética, a <i>mimese</i> de Aristóteles
Dor lida	A interpretação do leitor da dor do poeta
Dor não sentida (a do leitor)	A tradução da dor do poeta na (não) dor do leitor
Fingimento	A representação artística, a linguagem poética (ou linguagem literária), a codificação
Calhas de roda	A vida real, útil, necessária, pré-determinada, inescapável
Girar	Seguir um caminho (tortuoso, repetitivo), viver, estar preso a um círculo (destino, rotina, vida)
Entreter	Atenuar a dor, amenizar, divertir, emocionar, desviar
Razão	O real, concreto, racional, útil, a vida regrada, rotineira
Comboio de corda	Brinquedo, divertimento, emoção, afeto, despreocupação, sentimento, ludicidade, coração
Coração	O sentimento, ludicidade, sonho, afetividade, interpretação, fuga do real, criatividade

3.2-Interpretação

-Os vários planos de significação

O poema Autopsicografia, de Fernando Pessoa, apresenta uma rica possibilidade de interpretação e se encaixa, sobremaneira, no estudo do tema Teoria da Literatura. Ao abordar o processo da criação poética, o texto especula sobre os vários planos de significante e significado, enaltecendo a característica de linguagem cifrada que é, para alguns autores, a definição mesmo de literatura (ou de linguagem literária ou poética).

No poema de Pessoa, esses planos se sucedem num sentido de expansão do mais particular (a dor específica do poeta) para o mais genérico ou universal (a própria vida, em sua relação entre razão e coração). Na primeira estrofe, Pessoa estabelece os dois planos iniciais, o da dor que o poeta “deveras sente” e o da dor que ele finge. O primeiro é o plano do real, do factual, aquele que existe ou ocorre independente da vontade. O segundo plano é o da representação, da narração do fato, de sua transformação em linguagem, em obra poética. Nessa estrofe, à

semelhança com o que Borges faz com tanta frequência¹, Pessoa compara a transfiguração poética ao fingimento, à falsificação, deixando implícito que a linguagem poética não tem compromisso com a verdade ou com a realidade, mas apenas (conforme enaltece Jakobson na sua Teoria da Comunicação) com a própria poesia. Ou seja, há um compromisso não factual, mas antes de tudo estético e figurativo.

Na segunda estrofe, Pessoa repete a mesma relação dicotômica entre fato e interpretação, mas agora num plano além do da produção poética. Ele explora o plano do leitor, daquele que entra em contato não com a dor real do poeta, mas com a dor representada. Só que, segundo Pessoa, ao ler a representação do poeta, o leitor não apreende a dor real nem a dor “fingida”, mas uma terceira que é a sua própria decodificação da representação literária. Mas Pessoa não pára aí! Vai mais além e constrói um quarto plano, no qual essa interpretação de quem lê é ainda distinta daquela que seria a dor do próprio leitor, dor esta que, por estar diante de uma produção literária, ele em realidade não tem.

Na terceira estrofe, Pessoa repete a relação entre realidade e representação, desta vez num nível genérico, universal. Nesta estrofe ele fala não do indivíduo particular que produz o poema nem de um conjunto de indivíduos (os leitores) que entram em contato com a obra, mas da vida mesmo. A relação entre “real” e “fingido” é substituída pela relação entre “razão” e “coração”, e são utilizadas as metáforas calha de roda e comboio de corda. A primeira, calha de roda, nos remete a um instrumento útil, prático, cotidiano, que produz trabalho, que gira interminavelmente, preso a um mesmo eixo, sempre retornando ao mesmo ponto, numa figuração da rotina da vida, das obrigações, dos horários e compromissos a serem cumpridos, das tarefas diárias e repetitivas. Já comboio de corda é um brinquedo, uma construção criativa que já é uma representação no seu significado inicial (não uma porção de pedaços de cordas amarrados, mas um comboio), e cujas possibilidades referenciais vão muito além. É ele o lado lúdico, criativo, afetivo, emocionante, aquele “outro” que se projeta de nossos sonhos, de nossas aspirações mais íntimas, mais profundas.

Assim, se utilizarmos o código referencial mais direto, podemos interpretar Autopsicografia como a explicitação do eu poético (baseado na sua própria experiência, como estabelece o título do poema) de como se dá o processo de criação literária, como se processa a interpretação dessa produção por parte do leitor e como esse processo se repete na (ou reflete a) própria vida, num repetido jogo de duplos, em distintos planos, entre o real e o imaginário, entre a razão e a emoção.

-Alguns outros códigos

Se quisermos interpretar as relações estabelecidas por Fernando Pessoa no poema *Autopsicografia* em outros códigos que não seja o da produção poética, é possível perceber sua amplitude, sua possibilidade de maior generalização.

Imaginando um código psicológico, percebemos claramente que “a dor que deveras sente” do poeta pode ser interpretado como sendo o inconsciente, que é o

¹ “Pouco a pouco vou lhe cedendo tudo, ainda que me conste seu perverso hábito de falsificar e magnificar”. Trecho do conto *Borges e eu*, de Jorge Luis Borges.

puro, o completo, e que o comportamento manifesto do indivíduo é um “fingimento”, censurado, modificado, tornado socialmente aceitável pelo superego. O mesmo se repete no segundo plano, o do “leitor”, no caso o indivíduo que se relaciona com o personagem do primeiro plano. E, na terceira estrofe, temos a relação direta entre razão e ego, coração e “id” (impulso), na generalização dos planos anteriores.

É possível repetir a mesma linha de interpretação se, ao invés de um código psicológico, utilizarmos um código que nos remeta ao conceito de linguagem. Neste caso, nós temos “a dor que deveras sente” como o significante, o elemento primeiro, do qual derivam os significados, que é a própria linguagem com a qual tentamos apreender o mundo e interagir com ele.

4-Identificação de alguns paralelismos segundo a teoria de Roman Jakobson, nos vários estratos do poema

4.1-Estrato gráfico e fonológico

No estrato gráfico percebemos de imediato o paralelismo da estrutura do poema, expresso em estrofes de quatro versos que se repetem por três vezes. Analisando com mais profundidade, vamos perceber também o paralelismo por semelhança nas rimas alternadas que se repetem, e mesmo na estruturação silábica, já que todos os versos possuem sete sílabas fônicas.

Também há paralelismos bem acentuados em algumas aliterações da primeira estrofe (nas oclusivas “p” e “d” de poeta e dor), e da forte assonância em “e” na segunda estrofe (“E os que lêem o que escreve... sentem bem... não teve... eles têm”).

Num exercício mais livre de interpretação, podemos especular sobre a existência de um paralelismo por contraste entre o formato do poema (uma redondilha maior, formato simples, muito sonoro e de característica bem popular) e a profundidade do tema da produção poética e seus planos interpretativos, de cunho mais intelectualizado.

4.1-Estrato morfosintático

Analisando-se o poema em relação às suas características morfosintáticas, é possível identificar algumas características importantes.

Em primeiro lugar, as duas estrofes que seguem a primeira iniciam pela conjunção aditiva *e*, que dão uma idéia de coordenação (ou seja, de independência sintática) mas, ao mesmo, sugerem uma seqüência de raciocínio, uma espécie de complementaridade de idéias.

Outra característica marcante é o uso de advérbios de modo e de intensidade que reforçam a afirmativa do eu poético como sendo definitiva, conclusiva, indiscutível mesmo. Não basta ao poeta apenas fingir, mas é preciso fingir “completamente”, da mesma forma como é necessário sentir “deveras” e sentir “bem”. Na sua autopsicografia, o eu poético tira conclusões arrebatadas, passionais, mais ao gosto do coração do que da razão.

Há outras características morfosintáticas que podem ser investigadas, mas esse é um terreno por demais árido no campo da poesia e da arte para que seja explorado em demasia.

5-Conclusão

O poema Autopsicografia, de Fernando Pessoa, ocupa no conjunto histórico da produção poética um lugar a que poucas obras tiveram acesso: o das que conquistaram a unanimidade de crítica e de público.

E, ao mesmo tempo, ele se encaixa com perfeição em dois dos principais conteúdos abordados na disciplina Teorias Contemporâneas da Literatura, na qual o presente trabalho se insere.

Por um lado, temos as questões ligadas à Teoria da Literatura em suas várias correntes, sobre a qual Fernando Pessoa acrescenta sua interpretação “autopsicografada” das relações entre realidade e representação.

E, por outro lado, temos o tema do duplo, tão importante no âmbito da produção literária ao longo dos tempos.

Neste contexto, julgamos o poema estudado como bastante significativo na apreensão dos conteúdos abordados na presente disciplina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. PESSOA, Fernando. *Poesias*. Porto Alegre, L&PM Pocket, 1997.
2. JOBIM, José Luís, organização. *Introdução aos termos literários*. Rio de Janeiro, UERJ, 1999.
3. SILVA, Thais Cristófar. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo, Contexto, 2001.
4. PLATÃO. *A República*. São Paulo, Martin Claret, 2002.
5. BORGES, Jorge Luis. *Eu e Borges*
6. <http://www.mundodosfilosofos.com.br/presocratico.htm#F>